

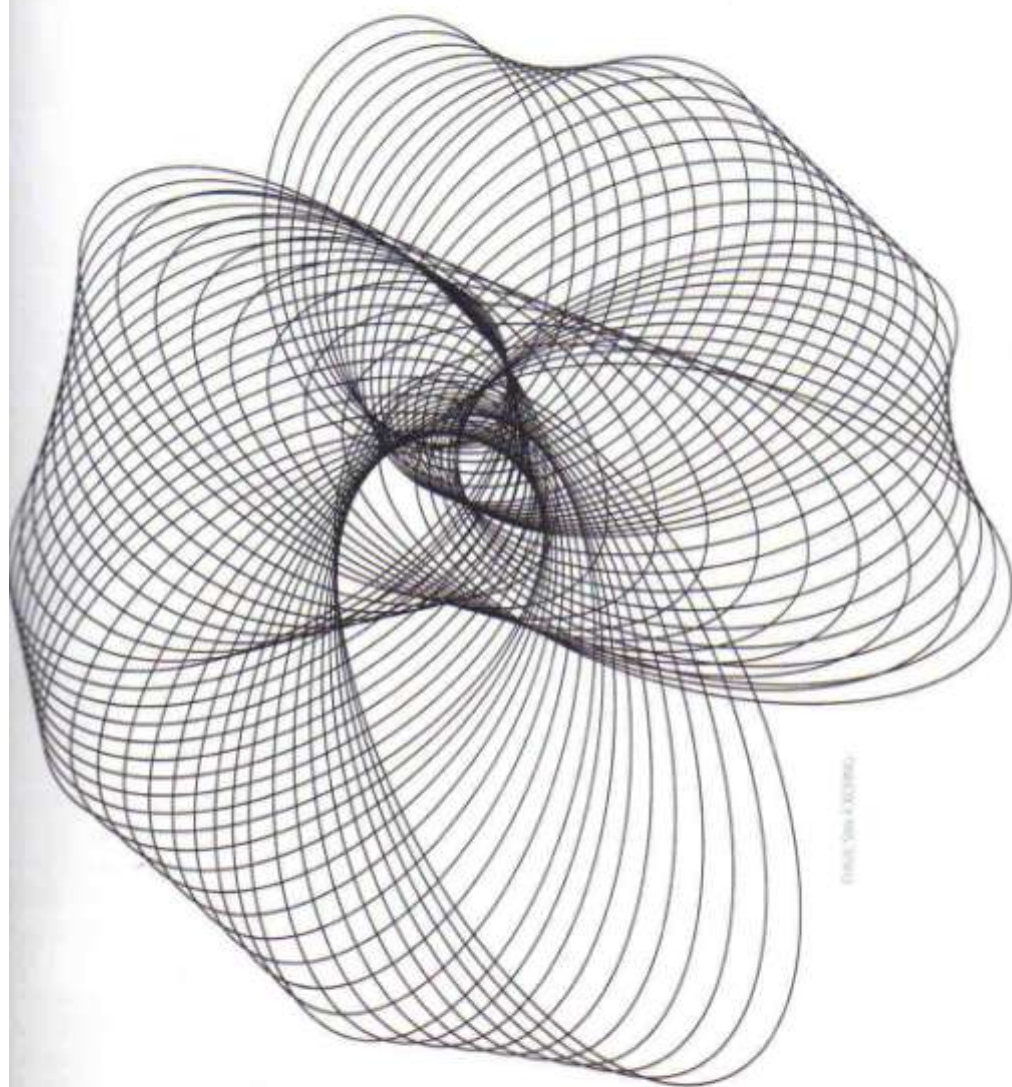
REDES SOCIAIS

QUE UMA ESCOLA DE QUALIDADE É FATOR DETERMINANTE PARA O BOM DESEMPENHO SOCIAL E PROFISSIONAL TODO MUNDO SABE. UMA BASE EDUCACIONAL SÓLIDA, COM RESPEITO E INCENTIVO ÀS POTENCIALIDADES, DIZEM OS ESPECIALISTAS, AMPLIA AS POSSIBILIDADES E OPORTUNIDADES DE SE ALCANÇAR O SUCESSO, DE SE CONSEGUIR O QUE SE ALMEJA PARA A VIDA. PORÉM, NESSA EQUAÇÃO, A ESCOLA NÃO CAMINHA SOZINHA

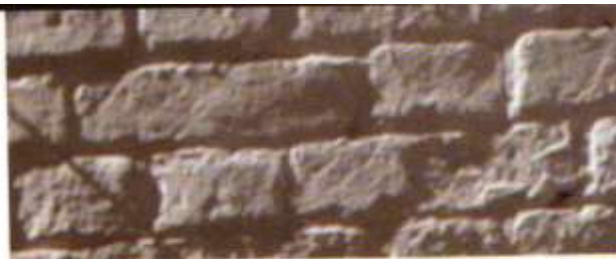
Por Micheline Verunschik
Foto: Sérgio Zacchi

Pesquisas sobre as causas do sucesso profissional apontam fatores que vão desde a paixão e a motivação pelo que se faz, passando pela inteligência emocional, empenho familiar, até a amplitude do vocabulário do indivíduo, entre outras coisas. Segundo pesquisa da Universidade de Nebraska-Lincoln, nos Estados Unidos, que ouviu centenas de estudantes do ensino médio sobre seus propósitos e perspectivas para o futuro, aquilo que o indivíduo realiza fora dos muros da escola pode ser responsável pelo caminho que trilhará na sua vida profissional e social, direcionando, inclusive, a escolha do curso superior.

Para o sociólogo Eduardo Marques, professor do departamento de Ciência Política da Universidade de São Paulo (USP) e pesquisador do Centro de Estudos da Metrópole (CEM), o segredo está nas redes sociais. Esqueça por um momento o facebook, o twitter e tudo o que se convencionou denominar "rede de relacionamento" nos dias de hoje. No caso em questão, trata-se das costuras sociais mais profundas, aquelas que cada pessoa alinhava em torno de si durante a trajetória de sua vida. "As redes que cada



FRANK STELLER



um constrói em seu cotidiano são importantes não apenas hoje, mas fazem parte do tecido da sociedade desde sempre. O que vem mudando desde meados do século 20 é a composição e a estrutura dessas redes. Minha pesquisa indica a presença de uma associação entre certos tipos de redes e melhores situações sociais", diz Marques.

Segundo estudo realizado pelo sociólogo em comunidades periféricas das cidades de São Paulo e Salvador, quanto mais recente e restrita for a rede social de uma pessoa, menor sua renda e suas chances de ascensão social e profissional. Mas não é só isso. As redes influenciam também o acesso a bens e serviços. Porém, não basta ser conectado, é preciso administrar bem suas relações. "Um indivíduo solidamente preparado para a vida e para o mundo do trabalho é aquele que possui a capacidade de participar e trabalhar de forma coletiva e solidária com outros do mesmo grupo, que consegue comunicar conteúdos, conviver com a diferença, entre outros atributos", conclui Marques.

O que talvez as pesquisas não digam é que muitas vezes os fatores se multiplicam e se agregam para a contabilidade desse bom desempenho perante o desafio permanente que é ser bem-sucedido. Interesses extracurriculares, investimento pessoal e familiar, senso de oportunidade, flexibilidade, autocontrole, rede sólida de amigos, entre outras coisas, somam-se à escola como tijolos dessa construção. É o que contam as duas histórias a seguir.

DO INTERIOR DO NORDESTE À PRESIDÊNCIA DE UMA MULTINACIONAL

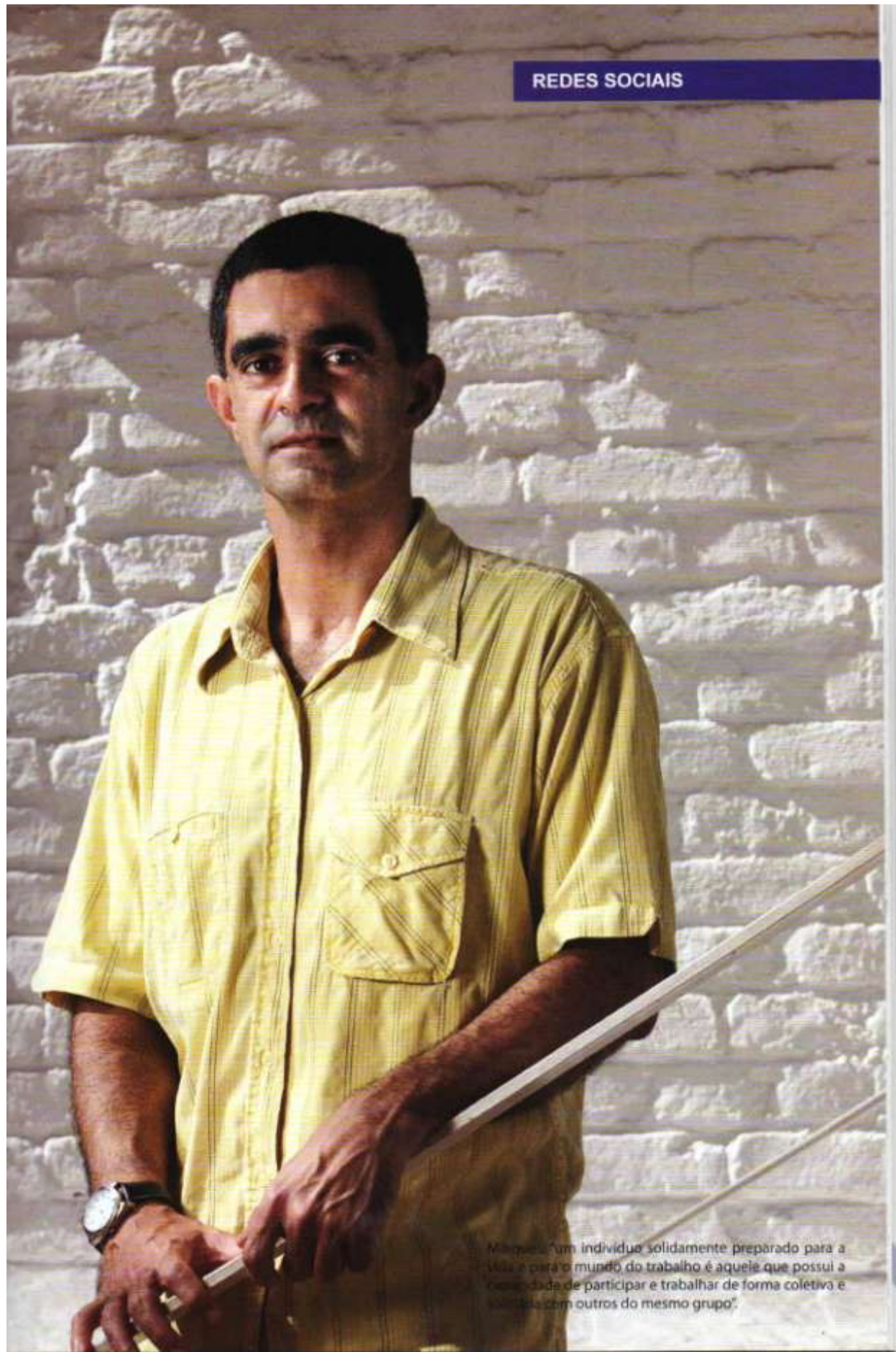
Se alguém contasse que de uma família numerosa de uma cidadezinha do interior nordestino sairia o primeiro presidente brasileiro de uma grande multinacional, você acreditaria? Pois essa

é a história de Marcos Antonio Magalhães, ex-presidente da Phillips do Brasil e da América Latina, cargo que exerceu durante 11 anos. Filho de uma professora e de um pequeno comerciante, Magalhães é o quinto de oito irmãos e nasceu na pequena Sertânia, município do semiárido pernambucano a 316km de Recife e que conta atualmente com uma população de pouco mais de 30 mil habitantes. Sua história é uma história de ampliação de redes a partir de vários deslocamentos e migrações. Deixando a pequena cidade onde nasceu para trás, Magalhães, ainda menino, mudou-se com sua família para um município vizinho, que oferecia melhores oportunidades de estudo. Ficou lá até concluir o primeiro grau e, na sequência, migrou para o Recife, já que na época, há cerca de 50 anos, quem quisesse concluir o ensino médio precisaria necessariamente sair do interior para a capital.

"Para mim, ir para o Recife para estudar ampliou muito a minha rede de relações. Eu tive a sorte de frequentar o Ginásio Pernambucano, uma escola pública de altíssima qualidade, que abrigava desde o filho do usineiro até o filho da empregada doméstica. Talvez por ser um excelente aluno, fui muito bem acolhido por um extrato da sociedade do Recife que me serviu de referência intelectual, profissional e econômica. No mais, o meu foco era estudar, estudar, estudar e praticar esportes", conta Magalhães, que morou em pensões modestas na capital pernambucana até entrar na universidade.

Depois de aprovado no curso de Engenharia Elétrica, foi professor e chegou mesmo a dar aulas em cursinhos pré-vestibular. No início dos anos 1970 partiu para a Holanda para fazer mestrado. Lá foi admitido na Phillips e em seguida retornou ao Brasil. Na empresa, fez de tudo um pouco, de assistente a cargos de baixa chefia e, assim, foi galgando postos.





Marques: "um indivíduo solidamente preparado para a vida e para o mundo do trabalho é aquele que possui a necessidade de participar e trabalhar de forma coletiva e solidária com outros do mesmo grupo".

O segredo estaria apenas em remar contra a corrente? Ele mesmo responde: "Existem três elementos que podem conduzir as pessoas ao sucesso ou ao insucesso. O primeiro é a própria pessoa. Para ter sucesso, é preciso que ela tenha um sonho e que tenha perseverança para a consecução dos seus objetivos. O segundo fundamento é o acesso a uma boa educação formal. E a base desse tripé é a família, que precisa ser co-educadora. No meu caso, eu tive a sorte de ter os três".

Acreditando nisso, atualmente Marcos Magalhães é presidente do Instituto de Co-responsabilidade pela Educação (ICE), entidade privada que arregimenta o empresariado e outros setores da sociedade na promoção e elevação da qualidade da escola pública. Com sede em Recife, mas com trabalhos que extrapolam os limites geográficos, um dos focos do ICE é o protagonismo dos jovens de classes desfavorecidas. "Essas pessoas, sem oportunidades e sem estrutura familiar, já nascem em desvantagem. Compara-

dos a crianças e jovens de classe média, é como se competissem de bicicleta contra quem está numa Ferrari. É preciso olhar o ponto de partida de cada um e abrir os horizontes, inclusive de relacionamento, para esses jovens e crianças", conclui o empresário.

EU QUISEI

"Eu quis fazer Ciências Sociais. Eu quis trabalhar com pessoas. Eu quis entrar para uma grande empresa. Eu quis ser diretor de RH e nunca acreditei na força do preconceito", quem diz isso é José Carlos Nascimento, jovem executivo negro que já passou por empresas como a Varig, a IBM e hoje é diretor de RH para a América Latina da BT, multinacional de origem britânica.

Nascimento conta que foi para as Ciências Humanas por desejar entender o mundo, a sociedade e suas políticas e acabou entrando na área corporativa justamente por esse perfil. "Fui trabalhar na Varig em balcão de aeroporto e um dia surgiu a oportunidade de trabalhar com treinamento

de pessoal. A Sociologia deu o primeiro empurrão. Em seguida, fui para a Lothus, que depois acabou incorporada pela IBM. Durante a seleção havia muitos candidatos brancos, e muitos candidatos mais velhos que eu, mas nunca pensei que não poderia estar ali. Nunca tive que driblar o preconceito porque jamais acreditei no seu poder sobre mim e sobre as minhas escolhas.

Nascimento estudou sempre em escola privada, mas faz questão de ressaltar que foi aluno bolsista desde o ensino fundamental até a universidade. Comunicativo, seu negócio sempre foi estar em rede com as outras pessoas e talvez por isso tenha ocupado posição de liderança desde a infância. "Sempre fui uma pessoa que gostava de estar com os outros, daí na escola era escolhido como representante de classe. Não me envolvia em brigas e quando estas aconteciam comigo ou entre colegas, o meu papel era o de conciliador, pacificador. Me envolvi também em campanhas de solidariedade e de voluntariado para ajudar pessoas e instituições e hoje vejo que

tudo isso que estava lá atrás na minha formação é com o que eu trabalho hoje", afirma Nascimento, que não por acaso foi o primeiro executivo negro no Brasil a ocupar posição gerencial em uma multinacional.

Para conciliar o papel do sociólogo com a vida dentro de uma empresa, ele tem uma fórmula simples: "Costumo dizer que tenho dois chapéus. Um é o chapéu do ser humano. Outro é o chapéu do homem de negócios. Às vezes tenho que tirar um e colocar o outro. Às vezes, e é o mais comum, uso os dois ao mesmo tempo. No fim das contas, qualquer empresa é uma sociedade feita de pessoas", conclui.

Mas o que é mesmo o sucesso, afinal?

No livro *Como eles chegaram lá* (Campus, 1999), o autor José Roberto Whitaker dá um contraponto interessante e que resume bem o que seja este tão perseguido sucesso: uma combinação de qualidades e oportunidades que levam alguém a fazer o que gosta da melhor forma possível. Os exemplos acima não nos deixam mentir.